

**Capitu, a Mulher no Espelho:
Gênero, Identidade e Verdades Fragmentadas em Dom Casmurro**

**Capitu, the Woman in the Mirror:
Gender, Identity and Fragmented Truths in Dom Casmurro**

Lucidete José de Oliveira Santos

UFT

Antônio Egno do Carmo Gomes

UFT

Resumo: Este artigo realiza uma análise detalhada da personagem Capitu, de Dom Casmurro de Machado de Assis, focando nas questões de gênero, identidade e na fragmentação das verdades. O objetivo central é investigar como Capitu, ao longo da narrativa, desafia as normas sociais vigentes e como a construção de sua identidade reflete a performatividade de gênero, conforme as teorias de Judith Butler (1990). A fundamentação teórica inclui discussões sobre exclusão e silenciamento de grupos periféricos, propondo uma leitura de Capitu como uma representação de sujeitos marginalizados na literatura brasileira. O método utilizado envolve análise documental da obra e revisão bibliográfica crítica, destacando a ambiguidade narrativa e a pluralidade interpretativa em Dom Casmurro. Resultados parciais apontam que a personagem simboliza identidades fragmentadas e contingentes, abrindo espaço para múltiplas leituras, sobretudo sob uma perspectiva contemporânea de gênero e identidade. Além disso, o artigo promove um diálogo entre a literatura brasileira e outras tradições literárias globais, ressaltando as intersecções culturais e comparativas. A discussão revela que a contribuição deste estudo reside na articulação entre literatura e representações identitárias, oferecendo novas perspectivas sobre a obra machadiana.

Palavras-chave: Dom Casmurro; Capitu; Gênero; Identidade; Fragmentação.

Abstract: This article conducts a detailed analysis of the character Capitu from Dom Casmurro by Machado de Assis, focusing on issues of gender, identity, and the fragmentation of truths. The central objective is to investigate how Capitu, throughout the narrative, challenges the prevailing social norms and how the construction of her identity reflects the performativity of gender, in line with Judith Butler's (1990) theories. The theoretical foundation includes discussions of the exclusion and silencing of peripheral groups, proposing a reading of Capitu as a representation of marginalized subjects in Brazilian literature. The methodology involves a documental analysis of the work and a critical literature review, highlighting narrative ambiguity and interpretative plurality in Dom Casmurro. Preliminary results indicate that the character symbolizes fragmented and contingent identities, allowing for multiple readings, especially from a contemporary gender and identity perspective. Furthermore, the article fosters a dialogue between Brazilian literature and other global literary traditions, emphasizing cultural and comparative intersections. The discussion reveals that the contribution of this study lies in the articulation between literature and identity representations, offering new perspectives on Machado de Assis's work.

Keywords: Dom Casmurro; Capitu; Gender; Identity; Fragmentation

Submetido em 11 de março de 2026.

Aprovado em 30 de março de 2026.

Introdução

A obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, publicada originalmente em 1899, ocupa um lugar central na literatura brasileira, sendo amplamente reconhecida como um dos grandes clássicos do país. Ao longo das décadas, a complexidade de sua narrativa e, especialmente, da personagem Capitu, tem sido objeto de diversas interpretações críticas. Capitu, uma figura que desafia categorizações simples, é marcada pela ambiguidade e pela fluidez de sua identidade, o que a torna uma das personagens mais intrigantes da literatura brasileira. Sua construção, tanto pela perspectiva narrativa de Bentinho quanto pela interpretação dos leitores, provoca questionamentos profundos sobre noções tradicionais de gênero e verdade, oferecendo terreno fértil para a análise sob a ótica da performatividade de gênero e da fragmentação identitária.

Capitu é apresentada como uma personagem multifacetada, cujas ambiguidades atravessam as fronteiras da narrativa, tornando-se foco de inúmeros estudos literários que investigam o papel da mulher na sociedade patriarcal brasileira do século XIX. A crítica literária, ao longo do tempo, tem buscado compreender como as construções sociais de gênero e poder se manifestam em personagens como Capitu, cujas ações e motivações subvertem as expectativas impostas às mulheres da época (BOSI, 1994). O interesse por Capitu como representante de sujeitos periféricos e marginalizados no cânone literário brasileiro ganha ainda mais relevância quando consideramos sua posição constante de suspeita, sustentada por uma narrativa masculina que, ao invés de fornecer respostas definitivas, silencia e subjuga essa personagem, deixando o leitor imerso em incertezas.

Ao longo do século XX, o avanço dos estudos feministas e de gênero, notadamente por teóricas como Beauvoir (1967) e Butler (1990), forneceu novas ferramentas teóricas para repensar o papel de personagens como Capitu. Sua identidade não pode ser compreendida de forma estática ou monolítica, mas como algo fluido e dinâmico, que desafia qualquer categorização simplista. Butler (1990), ao propor a teoria da performatividade de gênero, argumenta que o gênero não é uma essência fixa, mas

uma construção social que se realiza por meio de atos repetitivos e normatizados. A aplicação dessa teoria à análise de Capitu possibilita uma leitura que destaca sua capacidade de subverter as normas e expectativas sociais de seu tempo, sobretudo no que diz respeito à sua feminilidade, revelando-a como uma personagem que transcende os papéis tradicionais atribuídos às mulheres na sociedade patriarcal.

Neste contexto, o presente estudo se torna relevante ao propor uma análise crítica de Capitu como um reflexo das identidades periféricas e minoritárias na literatura brasileira. Sua representação não apenas rompe com os padrões de gênero estabelecidos, mas também promove uma reflexão crítica sobre a verdade narrativa e a fragmentação das identidades. Como sugerem Schwarz (2000) e Gledson (1991), *Dom Casmurro* é uma obra permeada por ambiguidades e verdades contingentes, que resistem a uma interpretação única e definitiva. A verdade sobre Capitu, assim como sua identidade, é fragmentada, constituída por uma multiplicidade de leituras e perspectivas que, ao longo do tempo, têm alimentado debates contínuos sobre sua real natureza e intenções.

Dessa forma, Capitu pode ser vista como uma representação simbólica das vozes silenciadas na literatura brasileira, sejam elas femininas, negras, indígenas ou pertencentes a outras identidades marginalizadas. Ao explorar a ambiguidade dessa personagem, este estudo pretende contribuir para o campo da crítica literária ao propor uma leitura que alinha a teoria de gênero com a análise das verdades fragmentadas na obra. Nesse sentido, o artigo dialoga com o Grupo de Trabalho (GT) A Literatura Brasileira em Perspectiva: Ficções, Contextos e Possibilidades Interpretativas, ao investigar as intersecções entre a literatura brasileira e as questões identitárias contemporâneas, promovendo um diálogo entre os estudos literários e as teorias de exclusão e silenciamento.

O principal objetivo deste artigo é investigar como a personagem Capitu, em *Dom Casmurro*, reflete as discussões contemporâneas sobre gênero, identidade e as complexas verdades que permeiam a narrativa. A partir da teoria da performatividade de Butler (1990) e dos estudos críticos sobre a obra de Machado de Assis, busca-se compreender de que maneira a construção dessa personagem desafia as normas sociais e questiona a fixidez das identidades, propondo uma análise que coloca a literatura brasileira em diálogo com tradições literárias globais, enriquecendo o debate sobre as dinâmicas de poder e exclusão na sociedade e na cultura.

1. Gênero e Identidade na Literatura Brasileira

A questão do gênero e da identidade tem sido amplamente debatida nos estudos literários contemporâneos, especialmente em obras que abordam personagens ambíguas e multifacetadas, como Capitu em *Dom Casmurro*. As teorias feministas, sobretudo a noção de performatividade de gênero de Judith Butler (1990), oferecem uma importante ferramenta para a análise da construção de identidades em narrativas literárias. Butler argumenta que o gênero não é uma característica essencial ou estável, mas uma performance repetida de atos socialmente codificados. Ao aplicarmos essa teoria à personagem Capitu, percebemos que sua identidade é constantemente moldada pelas expectativas e normas sociais impostas à mulher no século XIX, mas, ao mesmo tempo, Capitu subverte essas normas através de suas ações e comportamentos.

Na literatura brasileira, a análise de personagens femininas sob a ótica da performatividade de gênero ainda é um campo em expansão, mas autores como Prado (2010) e Pinheiro (2018) já destacaram a importância de abordar as identidades literárias a partir de uma perspectiva crítica que considere as construções sociais de gênero. Segundo Prado (2010), as personagens femininas de Machado de Assis, especialmente Capitu, desafiam as leituras tradicionais que as enquadram dentro de estereótipos femininos. Através de sua ambiguidade moral e comportamental, Capitu questiona o papel que lhe é imposto pela sociedade e abre espaço para novas interpretações sobre a fluidez da identidade.

A performatividade de Capitu é notável em sua capacidade de manipular as percepções de Bentinho e dos outros personagens ao seu redor. Suas ações e reações não correspondem às expectativas normativas de uma esposa submissa, o que a coloca em constante suspeita. Como observa Pinheiro (2018), essa quebra de expectativas não apenas a isola como uma figura marginal dentro da narrativa, mas também a posiciona como um espelho da própria instabilidade das normas sociais. Assim, Capitu encarna o que Butler (1990) denomina “subversão de identidade”, um dismantling das normas de gênero através da performance de ações que questionam sua própria legitimidade.

1.1. Verdades fragmentadas em Dom Casmurro

A narrativa de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, é profundamente marcada pela fragmentação e pela ambiguidade, características que se manifestam especialmente na percepção dos eventos e na confiabilidade do narrador. Essa abordagem não apenas desafia a noção de uma verdade única e objetiva, mas também coloca o leitor diante de um constante exercício interpretativo. Como aponta Gledson (1991), a verdade em *Dom Casmurro* é sempre contingente, moldada pela perspectiva subjetiva de Bentinho, cuja obsessão com a suposta traição de Capitu distorce sua percepção da realidade. Esse conceito de verdades fragmentadas e contingentes tem sido amplamente explorado por críticos da obra machadiana, que enxergam na estrutura do romance uma recusa deliberada em fornecer respostas definitivas ou conclusivas.

A ambiguidade que permeia a narrativa reflete uma estratégia consciente de Machado de Assis para questionar as limitações da linguagem e da percepção humana na construção da realidade. Segundo Schwarz (2000), o autor frequentemente explora como a verdade é mediada por fatores subjetivos, como emoções, preconceitos e memórias falíveis. Em *Dom Casmurro*, essa fragmentação da verdade torna-se particularmente evidente na maneira como Bentinho reconstrói os eventos do passado. Sua narração está constantemente filtrada por suas próprias inseguranças, ciúmes e paranoia, o que resulta em uma versão dos fatos que é, no mínimo, parcial e questionável. O leitor, ao ser confrontado com múltiplas interpretações possíveis, é colocado em uma posição de constante questionamento, forçado a navegar entre as lacunas deixadas pelo narrador e a construir sua própria compreensão dos eventos.

Capitu emerge como uma figura central nesse jogo de ambiguidades, pois sua identidade é moldada pelas percepções distorcidas de Bentinho. A personagem é apresentada ao leitor não como ela realmente é, mas como Bentinho a ver — ou acredita ver. Como observa Gledson (1991), o espelho simbólico presente na obra serve como uma poderosa metáfora para essa fragmentação das verdades: Capitu é vista, mas sua verdadeira essência permanece incognoscível. O espelho, enquanto símbolo, reflete imagens que podem ser distorcidas ou incompletas, assim como a narrativa de Bentinho oferece apenas vislumbres parciais da realidade. Essa ambiguidade em torno de sua fidelidade, moralidade e até mesmo suas intenções cria um espaço interpretativo rico e complexo, que desafia o leitor a questionar as certezas oferecidas pelo narrador.

Além disso, a fragmentação das verdades em *Dom Casmurro* pode ser entendida como uma crítica à busca incessante por verdades absolutas e objetivas. Machado de Assis parece sugerir que a verdade, tal como a identidade, é fluida e dependente de múltiplos fatores contextuais. A ausência de provas concretas sobre a suposta traição de Capitu, aliada às constantes oscilações emocionais de Bentinho, reforça a ideia de que a verdade é sempre relativa e sujeita a interpretações. Essa abordagem antecipa debates contemporâneos sobre a desconstrução das verdades absolutas, especialmente nos estudos pós-modernos, que questionam as dicotomias rígidas e as estruturas binárias que organizam a sociedade e a linguagem (DERRIDA, 1967).

Portanto, a fragmentação das verdades em *Dom Casmurro* não apenas enriquece a complexidade da narrativa, mas também amplia o debate sobre a natureza da verdade e da identidade. A obra de Machado de Assis desafia o leitor a reconhecer que as verdades são construções sociais e culturais, moldadas por narrativas individuais e coletivas. Ao colocar Capitu no centro dessa ambiguidade, o autor cria uma personagem cuja essência escapa a qualquer definição fixa, transformando-a em um símbolo da resistência às tentativas de controle e categorização. Essa abordagem não apenas questiona as normas sociais e morais de seu tempo, mas também ressoa com questões universais sobre a experiência humana e a busca por significado em um mundo marcado pela incerteza.

1.2. Perspectivas minoritárias e Literatura Brasileira

A figura de Capitu em *Dom Casmurro* pode ser analisada a partir de um prisma que engloba as discussões sobre exclusão, silenciamento e marginalização de identidades periféricas na literatura brasileira. Embora o romance de Machado de Assis não aborde explicitamente questões raciais ou étnicas, sua estrutura narrativa e o tratamento dado à personagem Capitu revelam-se como reflexos de um sistema social profundamente marcado pela desigualdade e pelo controle das vozes que não se alinham às normas hegemônicas. A marginalização de Capitu, uma mulher de origem humilde que desafia as expectativas comportamentais impostas pela sociedade patriarcal do século XIX, ilustra como certas identidades são sistematicamente excluídas ou subjugadas em contextos literários e sociais. Como observa Candido (2004), a obra de Machado de

Assis frequentemente coloca seus personagens em posições liminares, seja por razões de classe, gênero ou moralidade. Capitu emerge como um exemplo paradigmático dessa dinâmica, pois sua posição de vulnerabilidade social é amplificada pelas acusações infundadas de traição e pelo julgamento moral ao qual é submetida.

O conceito de “desterritorialização”, aplicado à literatura brasileira por autores como Santos (2008) e Souza (2015), oferece uma lente interpretativa valiosa para compreender a posição de Capitu dentro da narrativa. Nesse contexto, a desterritorialização refere-se ao processo pelo qual certas identidades são deslocadas ou marginalizadas em um espaço literário que privilegia normas culturais e sociais específicas. Capitu, ao ser acusada de traição sem provas conclusivas e ao ser constantemente julgada por sua origem social e comportamento, torna-se um símbolo dessas identidades que são silenciadas ou invisibilizadas pela estrutura elitista e patriarcal da sociedade brasileira do século XIX. Sua ambiguidade, longe de ser mera característica individual, reflete as tensões entre os valores centrais da sociedade e as experiências das camadas marginalizadas, que frequentemente são forçadas a adaptar-se ou resistir às normas impostas.

Além disso, o diálogo entre a obra de Machado de Assis e as teorias contemporâneas sobre a exclusão de grupos minoritários, desenvolvidas por pensadoras como hooks (2000) e Lugones (2010), permite uma leitura mais ampla de Capitu como uma personagem que encapsula as tensões entre as identidades periféricas e as normas dominantes da sociedade. Hooks (2000) argumenta que a marginalização de certos grupos é uma estratégia de controle social que visa perpetuar hierarquias e desigualdades. Sob essa perspectiva, Capitu pode ser vista como uma representação simbólica das vozes silenciadas na literatura e na sociedade brasileira. Sua capacidade de desafiar as expectativas sociais e comportamentais, bem como sua posição de marginalidade, fazem dela uma figura que transcende sua função narrativa para se tornar um símbolo de resistência às estruturas de poder que tentam definir e controlar sua identidade.

A ambiguidade de Capitu, portanto, não deve ser entendida apenas como uma característica individual, mas como uma manifestação das complexidades enfrentadas por sujeitos que ocupam posições periféricas em uma sociedade profundamente desigual. Seu comportamento multifacetado e sua resistência às normas rígidas de gênero e classe

refletem as estratégias de sobrevivência e contestação adotadas por indivíduos marginalizados. Ao mesmo tempo, sua trajetória no romance evidencia como essas estratégias são frequentemente mal compreendidas ou distorcidas por narrativas dominantes, que tendem a silenciar ou demonizar aqueles que desafiam as convenções estabelecidas. Dessa forma, Capitu não apenas encarna as tensões entre as identidades periféricas e as normas centrais, mas também abre espaço para uma reflexão crítica sobre como a literatura pode funcionar como um campo de visibilidade e resistência para vozes historicamente excluídas.

Por fim, a análise de Capitu sob essa perspectiva amplia o debate sobre o papel da literatura brasileira na representação das desigualdades sociais e na construção de identidades marginalizadas. Ao colocar uma personagem como Capitu no centro de sua narrativa, Machado de Assis não apenas critica as estruturas de poder de seu tempo, mas também antecipa questões que continuam relevantes nos estudos literários e culturais contemporâneos. A obra deixa claro que as identidades periféricas não são meros reflexos de normas sociais, mas construções complexas e dinâmicas que desafiam simplificações e estereótipos, reivindicando um lugar de destaque nas discussões sobre inclusão, diversidade e representatividade na literatura.

2. Capitu como figura de ambiguidade

Capitu, uma das personagens mais enigmáticas de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, é construída de maneira ambígua e multifacetada, o que gera uma multiplicidade de interpretações. A ambiguidade de Capitu é o ponto central de uma narrativa que fragmenta a verdade e levanta questões sobre identidade e moralidade. A personagem, vista pelos olhos ciumentos e desconfiados de Bentinho, torna-se uma projeção de suas inseguranças e dúvidas, o que dificulta a formação de uma imagem coerente e objetiva de sua moralidade e de seu caráter. A construção narrativa de Capitu como uma figura ambígua é, como sugere John Gledson (1991), uma estratégia deliberada de Machado de Assis para subverter as expectativas do leitor e questionar as normas sociais de sua época. Gledson afirma que a obra é uma “narrativa de incerteza”, em que o narrador busca manipular a percepção dos leitores, fazendo com que a verdade se torne elusiva e fragmentada.

A ambiguidade de Capitu é intensificada pela ausência de provas concretas da sua suposta traição, levando o leitor a questionar se as acusações de Bentinho são baseadas em fatos ou fruto de sua imaginação e paranoia. Segundo Schwarz (2000), a ambiguidade de Capitu não está apenas na questão da traição, mas também em sua identidade social. Enquanto mulher, Capitu não se conforma com as expectativas da sociedade patriarcal do século XIX. Sua independência, inteligência e capacidade de manipulação a colocam em uma posição marginal, desafiando o papel tradicional da mulher submissa. Dessa forma, Capitu representa o rompimento com as normas estabelecidas, um tema recorrente na obra machadiana, que explora a tensão entre o indivíduo e a sociedade.

2.1. A Performatividade de Gênero em Capitu

A teoria da performatividade de gênero de Judith Butler (1990) é uma ferramenta útil para analisar como Capitu desafia as normas de gênero impostas à mulher no século XIX. Butler argumenta que o gênero é uma performance, uma série de atos repetidos que criam a ilusão de uma identidade essencial e estável. Capitu, ao longo da narrativa de Dom Casmurro, performa diferentes aspectos de sua identidade, ajustando-se às expectativas sociais quando necessário, mas também subvertendo essas expectativas de maneiras sutis.

Um exemplo claro da performatividade de Capitu pode ser visto em suas interações com Bentinho e a sociedade à sua volta. Enquanto Capitu exhibe os traços tradicionais de uma esposa dedicada e mãe amorosa, sua ambiguidade moral e sua capacidade de manipular as percepções alheias sugerem que ela está constantemente performando papéis que não correspondem à sua verdadeira natureza. Butler (1990) argumenta que a subversão das normas de gênero ocorre justamente quando os atos performativos revelam a artificialidade dessas normas. Capitu, ao agir de maneira contrária às expectativas de Bentinho e da sociedade, evidencia a instabilidade das categorias de gênero, revelando-as como construções sociais que podem ser manipuladas.

De acordo com Pinheiro (2018), a performatividade de Capitu não se limita à sua relação com Bentinho, mas também se estende à maneira como ela lida com o julgamento moral da sociedade. Ao adotar diferentes facetas em momentos específicos da narrativa, Capitu desafia a noção de uma identidade feminina fixa e imutável. Em vez disso, ela se

apresenta como uma personagem cujas ações são moldadas pelas circunstâncias, mas que, ao mesmo tempo, questiona as próprias normas que tenta seguir.

2.2. O Espelho como Metáfora de Identidade e Fragmentação

Um dos símbolos centrais em *Dom Casmurro* é o espelho, que, como sugere Gledson (1991), funciona como uma metáfora para a identidade fragmentada e para as verdades contingentes que permeiam a obra. O espelho, ao refletir imagens que podem ser distorcidas ou incompletas, simboliza a dificuldade de se obter uma visão clara e objetiva da realidade e da identidade. Capitu, ao longo da narrativa, é frequentemente comparada a um espelho, uma figura que reflete, mas cuja verdadeira essência permanece oculta.

A relação entre Capitu e o espelho é fundamental para entender a maneira como sua identidade é construída na narrativa. Assim como um espelho pode refletir diferentes ângulos e perspectivas, a identidade de Capitu é multifacetada e fluida, não se limitando a uma única interpretação. Bentinho, como narrador, tenta capturar a essência de Capitu, mas suas percepções estão sempre mediadas por suas próprias inseguranças e preconceitos, o que resulta em uma imagem fragmentada e distorcida. Segundo Schwarz (2000), o espelho simboliza a incapacidade de alcançar uma verdade definitiva, tanto sobre os eventos da narrativa quanto sobre a própria identidade dos personagens.

Além disso, o espelho também pode ser visto como uma metáfora para a multiplicidade identitária e para o papel da literatura como reflexo das tensões sociais e individuais. A fragmentação da verdade em *Dom Casmurro* reflete as complexidades da experiência humana, em que as identidades e as verdades não são fixas, mas construídas a partir de múltiplas influências e percepções. Como observa Souza (2015), a literatura brasileira, especialmente na obra de Machado de Assis, utiliza a metáfora do espelho para explorar a relação entre o eu e o outro, entre a realidade e a aparência, e entre o interior e o exterior.

A análise de Capitu em *Dom Casmurro* revela uma personagem complexa, cuja ambiguidade, performatividade de gênero e fragmentação identitária desafiam as convenções da narrativa tradicional e as expectativas sociais do século XIX. Capitu, ao

se posicionar como uma figura ambígua e multifacetada, subverte as normas de gênero e desafia o leitor a questionar as verdades apresentadas pelo narrador. Através do uso de símbolos como o espelho, Machado de Assis constrói uma obra em que as identidades e as verdades são fragmentadas, refletindo as tensões sociais e psicológicas que permeiam a experiência humana.

3. Machado de Assis e o Contexto da Sociedade Brasileira do Século XIX

A obra *Dom Casmurro*, escrita por Machado de Assis e publicada em 1899, está inserida em um contexto histórico específico, o Brasil do final do século XIX, um período marcado pela transição da monarquia para a república, pela abolição da escravatura (1888) e por profundas desigualdades sociais. Machado de Assis, um dos maiores escritores da literatura brasileira, utilizou a sutileza de sua narrativa para tecer críticas à sociedade de seu tempo, especialmente à sociedade patriarcal, à exclusão social e ao racismo. Como observa Candido (2004), Machado de Assis não era um autor que se valia de discursos panfletários, mas suas obras, especialmente *Dom Casmurro*, contêm críticas implícitas à estrutura de poder dominante, evidenciando as contradições e hipocrisias da elite brasileira.

Nesse sentido, *Dom Casmurro* reflete as tensões sociais da época, especialmente no que se refere às relações de gênero e à condição das mulheres na sociedade. Capitu, como personagem feminina, está inserida em uma sociedade patriarcal que define rigidamente os papéis de gênero e restringe a autonomia das mulheres. Embora a narrativa de Bentinho apresente Capitu como uma possível transgressora das normas sociais, o olhar do narrador é profundamente influenciado pelos preconceitos e ansiedades de seu tempo. Para Schwarz (2000), a obra de Machado de Assis explora as dinâmicas de poder entre os sexos, questionando a moralidade e a autoridade masculina, ao mesmo tempo em que expõe as limitações impostas às mulheres na sociedade brasileira do século XIX.

Além das questões de gênero, Machado de Assis também aborda, de maneira sutil, as desigualdades raciais e de classe. Filho de uma lavadeira negra e de um operário branco, o próprio Machado de Assis experimentou em sua vida as barreiras sociais impostas pelo racismo, o que se reflete em suas obras. Embora *Dom Casmurro* não trate diretamente da questão racial, a posição de Capitu como uma mulher de origem humilde,

que ascende socialmente através do casamento com Bentinho, pode ser interpretada como uma metáfora para as tensões de classe e raça presentes na sociedade brasileira da época (GLEDSON, 1991).

3.1. Capitu e as Relações com as Identidades Minoritárias

A figura de Capitu em *Dom Casmurro* pode ser lida sob a ótica das identidades minoritárias, especialmente no que se refere ao silenciamento e à exclusão de sujeitos marginalizados, como mulheres, negros e outros grupos oprimidos. Embora Capitu não seja explicitamente identificada como pertencente a uma minoria racial, sua posição como mulher e como indivíduo de origem humilde a coloca em uma posição de vulnerabilidade social, sujeita ao julgamento moral e à exclusão. Segundo Butler (1990), as identidades são performativas e construídas socialmente, o que significa que as normas de gênero e as expectativas sociais moldam as experiências e as percepções de sujeitos como Capitu. Em uma sociedade patriarcal, as mulheres, especialmente aquelas de classes mais baixas, são frequentemente silenciadas e excluídas dos espaços de poder e representação.

Capitu, assim como outras personagens femininas de Machado de Assis, desafia essas normas ao adotar uma postura ambígua e multifacetada que subverte as expectativas sociais de seu tempo. Sua ambiguidade, longe de ser um defeito ou uma falha moral, pode ser vista como uma forma de resistência às tentativas de controle e definição impostas pela sociedade patriarcal. Como aponta Pinheiro (2018), Capitu encarna a figura da mulher que se recusa a ser totalmente compreendida ou dominada pelas expectativas sociais, representando, assim, uma resistência simbólica às estruturas de poder que tentam silenciá-la.

Além disso, Capitu pode ser lida como uma representação simbólica das identidades periféricas e minoritárias na literatura brasileira. Assim como as mulheres, outros grupos marginalizados, como os negros e os pobres, foram historicamente silenciados e excluídos dos espaços de poder e representação. Para hooks (2000), a marginalização desses sujeitos é uma forma de controle social, que visa manter a hierarquia e a desigualdade. Ao criar uma personagem como Capitu, cuja identidade é ambígua e resistente às tentativas de definição, Machado de Assis oferece uma crítica à exclusão social e sugere que as identidades minoritárias são igualmente complexas e

multifacetadas, desafiando as simplificações e estereótipos impostos pela sociedade dominante.

Nesse sentido, a obra de Machado de Assis pode ser lida como uma reflexão sobre o silenciamento e a exclusão de sujeitos periféricos e minoritários na sociedade brasileira do século XIX. Embora *Dom Casmurro* seja frequentemente analisado sob a ótica das relações de gênero, sua relevância como crítica social vai além, apontando para as dinâmicas de poder que estruturam as relações entre classe, raça e gênero no Brasil. Capitu, ao ocupar um lugar de ambiguidade e resistência, torna-se uma figura representativa das tensões sociais que permeiam a literatura brasileira, abrindo espaço para discussões contemporâneas sobre a inclusão e o reconhecimento das identidades minoritárias.

4. Comparações com Outras Tradições Literárias

A obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, com sua análise sutil das ambiguidades de caráter e a fragmentação das verdades, encontra paralelo em diversas tradições literárias globais que abordam temas como identidade, gênero e moralidade. Assim, um diálogo comparado entre *Dom Casmurro* e outras obras da literatura mundial permite expandir a compreensão sobre como as questões de identidade e moralidade são abordadas em contextos distintos.

Um dos exemplos mais clássicos de personagens que, assim como Capitu, desafiam as normas sociais e possuem uma ambiguidade moral, pode ser encontrado em *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, publicado em 1857. Emma Bovary, assim como Capitu, é uma personagem cujas ações e motivações são vistas de forma ambígua pelos leitores e pelos demais personagens. A acusação de infidelidade e a quebra das expectativas de gênero são temas que unem essas personagens, ambas mulheres que, de maneira sutil ou explícita, desafiam as convenções de suas respectivas sociedades. Enquanto Capitu é vista sob o olhar paranoico de Bentinho, Emma Bovary é interpretada por meio de suas próprias ações e falhas. Como sugere Coelho (2013), ambas as personagens exemplificam como a literatura do século XIX utiliza figuras femininas para expor a fragilidade das normas sociais e das verdades morais, questionando o papel das mulheres dentro de uma estrutura patriarcal.

Outra obra que pode ser comparada a *Dom Casmurro* é *O Retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde (1890), em que a ambiguidade moral do protagonista está intrinsecamente ligada à questão da identidade e ao conflito entre aparência e realidade. Assim como Bentinho projeta suas inseguranças e dúvidas sobre Capitu, Dorian Gray projeta sua corrupção moral em um retrato que assume a degradação que ele próprio não exibe em sua aparência física. O tema da duplicidade e da verdade fragmentada em Wilde ecoa a fragmentação narrativa de *Dom Casmurro*, onde o leitor é constantemente desafiado a questionar a confiabilidade do narrador (MIRANDA, 2017). Ambos os autores exploram a tensão entre o que é visto e o que é oculto, tornando seus protagonistas símbolos de uma crise identitária que transcende o individual para se tornar uma crítica das estruturas sociais.

4.1. Literatura Brasileira e Contextos Globais

O diálogo entre *Dom Casmurro* e outras tradições literárias não apenas enriquece a leitura da obra de Machado de Assis, mas também posiciona a literatura brasileira em um contexto global de discussão sobre temas universais como identidade, moralidade e a fragmentação da verdade. Ao explorar a ambiguidade de Capitu e as incertezas que cercam sua fidelidade, Machado de Assis antecipa debates contemporâneos sobre a multiplicidade identitária e a desconstrução das verdades absolutas. Em um mundo cada vez mais globalizado, onde as fronteiras culturais e geográficas são constantemente atravessadas pela literatura, a obra de Machado se destaca por abordar questões que transcendem o tempo e o espaço, dialogando com dilemas humanos universais.

A fragmentação da verdade, uma característica marcante de *Dom Casmurro*, pode ser associada a debates mais amplos sobre pós-modernidade e desconstrução, especialmente nos estudos de autores como Jacques Derrida (1967). A desconstrução proposta por Derrida busca questionar as dicotomias e estruturas binárias que organizam tanto a sociedade quanto a linguagem. Nesse sentido, a forma como a verdade em *Dom Casmurro* é constantemente colocada em dúvida pode ser vista como uma antecipação dessa perspectiva filosófica. Machado de Assis desafia a ideia de verdades fixas e objetivas ao apresentar uma narrativa permeada por incertezas e múltiplas interpretações. A construção da identidade de Capitu, mediada pelas percepções distorcidas de Bentinho,

revela como as certezas e as identidades são artificiais, dependentes de construções sociais e culturais. Essa crítica à busca por uma verdade única e objetiva promove uma reflexão que ressoa profundamente com os debates filosóficos e literários contemporâneos, conforme destacado por Silva (2009).

Além disso, a obra de Machado de Assis pode ser colocada em diálogo com a literatura latino-americana contemporânea, particularmente no que diz respeito à exploração de identidades híbridas e fragmentadas. Autores como Gabriel García Márquez, em *Cem Anos de Solidão* (1967), também trabalham com personagens cujas identidades são complexas e frequentemente ambíguas. A maneira como García Márquez constrói personagens que habitam espaços liminares entre o real e o mágico, entre a verdade e o mito, estabelece um paralelo significativo com a construção de *Capitu*. Assim como os personagens de García Márquez, *Capitu* é mediada por múltiplas perspectivas e pela incerteza narrativa, o que desestabiliza as certezas e oferece uma leitura multifacetada da realidade. O realismo mágico, característico da literatura latino-americana, compartilha com *Dom Casmurro* a capacidade de questionar as fronteiras entre realidade e fantasia, evidenciando como a literatura pode desafiar as convenções e propor novas formas de compreensão do mundo (CANDIDO, 2004).

Portanto, o diálogo de *Dom Casmurro* com outras tradições literárias globais revela não apenas a singularidade da obra de Machado de Assis dentro do contexto brasileiro, mas também sua capacidade de transcender fronteiras culturais e temporais. Ao colocar em xeque as certezas morais e as identidades fixas, Machado de Assis se alinha a uma tradição literária que desafia as estruturas sociais e oferece uma visão crítica e fragmentada da experiência humana. Sua obra se torna um ponto de convergência para debates sobre gênero, poder, exclusão e as complexidades da identidade, temas que continuam relevantes tanto na literatura quanto nas discussões socioculturais contemporâneas. Dessa forma, *Dom Casmurro* não apenas consolida Machado de Assis como um autor universal, mas também reafirma a importância da literatura brasileira no cenário global.

Conclusão

Este estudo analisou a personagem Capitu, de *Dom Casmurro*, à luz das teorias de gênero e identidade, evidenciando a complexidade das verdades fragmentadas presentes na obra de Machado de Assis. A construção de Capitu, vista através do olhar desconfiado de Bentinho, revela uma figura marcada pela ambiguidade, cuja identidade desafia as normas sociais e de gênero do século XIX. A partir da teoria da performatividade de gênero de Butler (1990), foi possível compreender como Capitu não apenas desafia as expectativas sociais impostas às mulheres de sua época, mas também questiona a própria essência dessas normas, que são entendidas como construções sociais e performáticas. Nesse sentido, sua ambiguidade, tanto moral quanto comportamental, expressa-se na fragmentação narrativa, evidenciando que tanto a verdade quanto a identidade são fluidas e contingentes na obra de Machado.

Além disso, o estudo demonstrou que Capitu pode ser interpretada como uma metáfora das identidades periféricas e marginalizadas, que frequentemente são silenciadas ou distorcidas pelas narrativas dominantes. Como apontam Gledson (1991) e Schwarz (2000), a obra de Machado de Assis explora as incertezas morais e sociais, oferecendo uma crítica sutil à sociedade patriarcal brasileira e às desigualdades de classe e gênero. Portanto, a análise mostrou que Capitu não é apenas uma personagem literária complexa, mas também um símbolo de resistência às tentativas de fixação da identidade e da verdade, temas que continuam a ressoar na literatura brasileira contemporânea.

Ao longo deste estudo, ficou claro que ele traz uma contribuição significativa para o campo da crítica literária ao apresentar uma nova leitura de *Dom Casmurro*, articulada com as discussões contemporâneas sobre gênero, identidade e verdades fragmentadas. Ao integrar a teoria da performatividade de gênero à análise literária, foi possível desvendar como Capitu transcende o papel convencional da mulher na literatura do século XIX, oferecendo uma crítica incisiva à construção social das identidades femininas. Sua ambiguidade, longe de ser uma falha moral ou narrativa, emerge como uma forma de resistência às normas patriarcais e à busca por verdades absolutas.

Além disso, o estudo contribui para ampliar a compreensão da obra machadiana, ao contextualizar Capitu dentro de debates sobre identidades periféricas e minoritárias. Essa abordagem dialoga com questões de exclusão social e silenciamento, e a pesquisa

oferece uma nova interpretação de *Dom Casmurro* que enriquece o debate mais amplo sobre o papel da literatura como espaço de contestação e renegociação das identidades sociais e culturais. A articulação entre a literatura de Machado e as discussões contemporâneas revela o quanto sua obra permanece relevante para o entendimento das dinâmicas sociais e identitárias.

Finalmente, esta análise de *Capitu* abre diversas possibilidades para futuras pesquisas. Primeiramente, estudos que aprofundem a relação entre gênero e classe nas obras de Machado de Assis podem revelar como outras personagens femininas do autor também desafiam as normas sociais e performam suas identidades em contextos de exclusão e marginalidade. Em segundo lugar, investigações comparadas com outras literaturas nacionais e internacionais poderiam oferecer novas perspectivas sobre a fragmentação da verdade e a ambiguidade moral, temas que ecoam em obras de autores como Flaubert e Wilde.

Além disso, outra linha de investigação promissora seria explorar como as personagens femininas da literatura brasileira contemporânea continuam a desafiar as expectativas sociais de gênero, seguindo os passos de *Capitu* como figuras de resistência e subversão. Por fim, uma análise mais aprofundada sobre a recepção crítica de *Dom Casmurro* ao longo do tempo, incluindo leituras feministas e pós-coloniais, poderia contribuir para uma compreensão mais ampla de como *Capitu* foi (e continua sendo) interpretada em diferentes contextos históricos e culturais. Essas abordagens têm o potencial de enriquecer ainda mais a crítica literária e ampliar o debate sobre a relevância da obra machadiana atualmente.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura comparada: teoria, crítica e metodologia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2013.

- DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.
- GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HOOKS, Bell. *Feminist theory: from margin to center*. 2. ed. Cambridge: South End Press, 2000.
- LUGONES, María. *Toward a decolonial feminism*. Hypatia, v. 25, n. 4, p. 742-759, 2010.
- MIRANDA, Lúcia Helena. *O retrato de Dorian Gray: moralidade e ambiguidade no romance de Oscar Wilde*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- PINHEIRO, Maria Clara. *Mulheres na ficção machadiana: identidades fragmentadas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.
- PRADO, Décio de Almeida. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- SILVA, Luiz Fernando. *Identidades fragmentadas: a crise do sujeito na literatura pós-moderna*. Revista de Estudos Literários, v. 15, n. 2, p. 45-67, 2009.
- SOUZA, Laura de Mello. *Desterritorialização e literatura brasileira*. São Paulo: FAPESP, 2015.